

Prezados Senhores, Prezadas Senhoras, bom dia!

Cumprimento a todos e todas nas pessoas das autoridades já nominadas pelo Cerimonial. Por delegação do Presidente Ricardo Martins Costa, manifesto-me também pela administração do Regional.

Hoje o nosso Tribunal se une formalmente a mais uma das campanhas mundiais pelo fim da violência contra as mulheres. Já integramos a campanha He for She, e agora estamos lançando a Campanha Banco Vermelho dentro dos 21 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres.

A campanha mundial de 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres surge em 1991, para homenagear as irmãs Mirabel (Pátria, Minerva e Maria Teresa) assassinadas na República Dominicana em 25 de novembro de 1960, por ordem do ditador Rafael Trujillo. No Brasil, a campanha foi adaptada para 21 dias, ao invés de 16, para iniciar no dia da Consciência Negra (20 de novembro) e encerrar no dia 10 de dezembro (Dia Internacional dos Direitos Humanos).

A campanha nacional dos 21 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres teve início em 2022, no CNJ, na gestão da Ministra Rosa Weber.

A campanha Banco Vermelho é um símbolo internacional contra o feminicídio, criado na Itália, tendo o projeto sido oficializado em nosso país em 2024.

Ambas as campanhas visam a conscientizar a população sobre essa chaga que atinge mulheres de todas as classes sociais, de todas as raças, sejam cisgênero ou LGBTQIAPN+.

É com muita tristeza e pesar que lançamos essa campanha na semana em que várias mulheres foram mortas ou

torturadas por homens: uma, por um desconhecido, quando estava a caminho da aula de natação; outra, arrastada por quilômetros numa rodovia, por um ex-companheiro inconformado com o fim do relacionamento e uma terceira, baleada em pleno centro de uma metrópole brasileira pelo mesmo motivo, não aceitação do fim de um relacionamento. Eu poderia ficar aqui, dias e dias, relatando as inúmeras mortes e atrocidades cometidas contra mulheres pelo fato de serem mulheres e quererem cuidar da própria vida, seja fazendo exercício físico, seja querendo ficar sozinhas ou ter outra relação. Até quando?

Estamos encerrando o primeiro quarto do século XXI. Será possível que as mulheres tenham que ter medo, medo do ódio que transparece nos olhares masculinos quando não fazem ou não dizem o que eles consideram adequado? Quando as mulheres não se calam. E que acontece mesmo quando algumas, aterrorizadas, emudecem. Será possível ter, algum dia, tranquilidade, sobre o próprio destino e o de nossas amigas, colegas, irmãs, filhas, afilhadas, conhecidas e desconhecidas?

Que a campanha abraçada pelo nosso Tribunal sirva como um marco, um alerta, de que estamos cansadas, de que não mais suportamos essa letargia da sociedade e dos poderes públicos. Que as próximas gerações de mulheres possam ter independência, liberdade e autonomia, e nenhum medo de morrer pelo simples fato de terem nascido mulheres.

Muito obrigada!